



EMPRESAS

## A força feminina no setor de energia

Apesar da baixa representatividade de mulheres, o cenário é de avanços rumo à ampliação da diversidade para a transição energética

Por Thais Custodio

Publicado em 4/03/2022

Muito se fala sobre a importância da participação feminina no mercado de trabalho durante o mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher (08/03). Mas este é um **tema que vem sendo cada vez mais discutido** ao longo dos anos, já que que mais empresas estão reconhecendo os benefícios de ter uma maior diversidade – de gênero, raça, orientação sexual etc. – em seus quadros de funcionários.

Apesar de responderem por 48% da força de trabalho global, as mulheres representam apenas 22% do setor de energia tradicional, de acordo com a Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês). Elas configuram apenas 13,9% da alta administração dentro do composto de energia e concessionárias, o que é marginalmente menor do que na amostra de indústrias não energéticas (15,5%).

A agência considera que as barreiras que as mulheres enfrentam na área de energia são semelhantes às que enfrentam em outros lugares da economia. No entanto, os desafios do setor são mais prementes, pois ele está passando por um processo de transição para fontes limpas. Isto exige a adoção de soluções e modelos de negócios inovadores e maior participação de um conjunto diversificado de talentos, aponta a IEA.

No segmento de fontes renováveis, o cenário é um pouco melhor: as mulheres representam 32% dos trabalhadores mundiais, segundo a Agência Internacional de Energia Renovável (Irena).

Já a Fesa Group desenvolveu um estudo sobre a participação feminina, considerando as 25 maiores empresas de energia atuando no Brasil, nos segmentos de geração, transmissão, distribuição e comercialização, mapeando um total de 238 profissionais. O resultado mostra que 19% dos cargos são exercidos por mulheres, sendo que apenas 6% atuam nas posições de negócios, como diretora executiva ou líder das áreas de Operações, Manutenção, Novos Negócios ou Engenharia/Construção.

## Dedicação

Yasmina El-Heri e Mariana Rodrigues, respectivamente, especialista em Regulação, Estudos de Mercado e Comercialização de Energia Elétrica e coordenadora de Regulação e Estudos de Mercado da **GNA**, são exemplos de profissionais que se dedicam à área de energia.

Graduada e mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal Fluminense, com ênfase em Sistemas Elétricos de Potência, Yasmina, de 31 anos, foi uma das apenas quatro mulheres em uma turma de 40 alunos.

Os homens também eram maioria no corpo docente. Ela recorda que só teve uma professora na universidade. “Sempre tem ‘piadinhas’ no início. Alguns me diziam que engenharia era coisa de homem. Com o tempo, aprendi a me impor mais”, afirma.

Observando os eventos do setor, Mariana, de 30 anos, conclui que a presença feminina está maior, com mais mulheres participando não somente como ouvintes, mas como palestrantes. Mestranda do Programa de Planejamento Energético da Coppe/UFRJ e graduada em Engenharia Química pela mesma universidade, ela vê com entusiasmo a existência de programas de mentorias para mulheres que atuam no setor promovidos por profissionais mais experientes.



*Yasmina El-Heri, especialista em Regulação, Estudos de Mercado e Comercialização de Energia Elétrica da GNA*



*Mariana Rodrigues, coordenadora de Regulação e Estudos de Mercado da GNA*

O quadro de funcionários da GNA é composto por 51% mulheres e 49% homens, sendo que 31% do time feminino está em cargos de liderança. Em 2018, a GNA lançou o Programa de Qualificação Profissional com cursos gratuitos para moradores da região de São João da Barra (RJ), onde desenvolve projetos termelétricos.

A procura do público feminino foi tão grande que a empresa montou uma turma de soldadora exclusivamente feminina. Cerca de 650 mulheres trabalharam nas obras de construção da UTE GNA I. A expectativa da empresa é lançar ainda neste ano mais uma edição do programa para a construção da UTE GNA II.

Outro ponto de destaque da empresa foi o lançamento do Programa de Combate à Violência de Gênero, que foi reconhecido como case de referência pela IFC (International Finance Corporation), membro do Grupo Banco Mundial.

## Rede de apoio

Diante da baixa representatividade feminina, Ligia Schlittler, sócia do Felsberg Advogados, criou um grupo de trabalhadoras do setor energético. Chamado Mulheres de Energia, o grupo foi fundado em junho de 2020 e reúne atualmente 54 profissionais. Elas formaram uma rede de apoio e de troca de conhecimento, se reúnem uma vez por mês, para debater um tema específico.



*Ligia Schlittler, do Felsberg Advogados*

Formada em Direito pela UERJ, Ligia trabalha hoje com regulação do setor elétrico e fusões e aquisições, com foco em energia renovável. Começou no ramo no ano de 2007, atuando em projetos eólicos em Fortaleza (CE). Desde então, se apaixonou pela área e se especializou em energia e meio ambiente.

Ela conta à Brasil Energia que por muito tempo negou que existiam barreiras de gênero. Mas, com o amadurecimento, viu que os números são reais, de poucas mulheres em posições de liderança em determinados setores, empresas e escritórios, além de poucas oportunidades de ascensão de carreira. “Depois parei para pensar e entender que já vivi situações discriminatórias. Como, por exemplo, um advogado da outra parte me chamar de ‘a menina do escritório tal’, e eu, com 41 anos, levava na brincadeira. Mas, naquela situação, ele quis me desmerecer publicamente, diminuir a minha expertise”.

## Dupla jornada

À frente da fintech **Meu Financiamento Solar**, do banco BV, está a diretora comercial Carolina Reis. Formada em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie, iniciou sua carreira no mercado financeiro, em fundos de private equity. Em 2015, entrou na área de energia como gerente comercial do Portal Solar, onde foi criada a solução de crédito do BV voltada à geração da fonte renovável.



*Carolina Reis, do banco BV*

Em expansão, o Meu Financiamento Solar estima gerar neste ano R\$ 1 bilhão por mês em solicitações de financiamento para sistemas fotovoltaicos para casas e empresas no Brasil. O time total da fintech é composto por 68% mulheres, enquanto a liderança é 71% feminina. A diretora explica que a participação majoritária feminina não foi uma estratégia da empresa, aconteceu naturalmente.

Carolina tem uma filha e está atualmente no sétimo mês de gestação. Apesar de desafiador, ela consegue conciliar o papel de mãe e o de executiva. E sugere que as organizações dêem a “chance para que uma mulher entre na gestão para ver o quanto o negócio pode ser tocado de uma forma muito competente”.

O caso do Meu Financiamento Solar não representa a realidade de todo o mercado de energia solar. As mulheres são minoria nas empresas do setor solar brasileiro, representando apenas 32% da de obra na média do período de 2012 a 2019, contra 68% de homens, dentro de um universo de 1.268 empresas analisadas.

A maioria das mulheres que atuam no setor solar (92,8%) afirma que há barreiras ou desafios para a inserção e permanência feminina, destacando-se o machismo e o preconceito, bem como a falta de credibilidade na qualidade do trabalho desenvolvido por elas, especialmente nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharias e Matemática.

Os dados são do estudo “Energia solar no Brasil: quais são as barreiras e oportunidades para as profissionais mulheres no setor?”, elaborado em 2021 pelo C40 Cities Finance Facility (CFF) em parceria com a Rede Brasileira de Mulheres na Energia Solar (Mesol).

## Liderança

Outra empresa que se destaca na participação feminina é a transmissora de energia **ISA CTEEP**, cuja diretoria executiva conta com três representantes femininas, de um total de cinco colaboradores, representando, portanto, 60% do quadro.

Em todo o Grupo ISA, o corpo gerencial de 29% é representado por mulheres, contra uma média de 18% em empresas da América Latina, segundo pesquisa realizada pela International Business Review em 2020. A companhia, há cinco anos, também promove a participação de mulheres em todos os conselhos de administração de suas subsidiárias.

A diretora executiva Gabriela Desiré é a primeira mulher a estar à frente da área de operações da ISA CTEEP e lidera uma equipe com cerca de mil profissionais, o que representa aproximadamente 70% do quadro total de colaboradores da transmissora. As demais diretoras executivas atuam nas áreas de estratégia e desenvolvimento de negócios e finanças e relações com investidores. Há ainda uma diretora de talento organizacional.



*Gabriela Desiré, diretora de operações da ISA CTEEP, na subestação Centro da transmissora em São Paulo*

Os exemplos de superação e de conquista feminina ainda não são muitos – o caminho é longo, mas muitas já estão em movimento.



BV

GNA

ISA CTEEP

lideranças femininas

Rede Brasileira de Mulheres na Energia Solar

© 2022 - Editora Brasil Energia. Todos os direitos reservados